



“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

Bruna Cristina de FREITAS
Dayana Paula CRUZ
Thainá Rosa Helena Garcia FERREIRA
Ana Lúcia Furquim CAMPOS -TOSCANO.

Resumo: O Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES, tem por objetivo promover a formação de professores, em que a articulação teoria e prática seja contemplada por meio da experiência em sala de aula ainda como estudantes de licenciatura. Este trabalho, portanto, trata-se da descrição e análise de uma atividade desenvolvida no ano de 2016, pelo subprojeto de Letras “Leitura de Literatura” do Uni-FACEF Centro Universitário Municipal de Franca, vinculado ao programa PIBID desde o ano de 2011. O tema selecionado foi “crianças”, por isso, as atividades aplicadas a alunos de sétimos e oitavos anos do Ensino Fundamental matriculados em escolas estaduais da Cidade de Franca - SP, explorou o poema “Meninos carvoeiros”, de Manuel Bandeira, que denuncia, de forma sensível, questões sociais explícitas no poema, como o trabalho infantil e, conseqüentemente, a perda da infância. Esta pesquisa justifica-se por analisar como são trabalhados conteúdos temáticos nos gêneros literários que, atrelados ao estilo e à estrutura composicional, contribuem para a reflexão e compreensão do texto. O objetivo deste estudo, portanto, é analisar os recursos linguísticos para a construção de efeitos de sentidos de gêneros literários. Para tanto, o referencial teórico metodológico é composto, primeiramente, das reflexões do Círculo de Mikhail Bakhtin sobre os gêneros do discurso, especialmente os estudos de Bakhtin e de Medviédev (2012), assim como de seus comentadores e ensaístas, entre eles, Brait (2005), Clark e Holquist (1998), Fiorin (2006) e Machado (2005). Sobre leitura e a relação do autor-leitor-texto pautamo-nos nos estudos de Jouve (2002) e Martins (2002). Concluímos que as atividades desenvolvidas contemplam a relação entre língua e vida, numa articulação entre literatura e linguística, promovendo, desse modo, a possibilidade de aprendizagem da Leitura de Literatura.

Palavras-chave: Gêneros de Discurso. *Meninos Carvoeiros*. Leitura de literatura. PIBID.

Resumen: El Programa Institucional de Iniciación a la Docencia (PIBID), financiado por la CAPES, tiene por objetivo promover la formación de profesores, en que la articulación teoría y práctica sea contemplada por medio de la experiencia en el aula con estudiantes de licenciatura. Este trabajo, por lo tanto, se trata de la descripción y análisis de una actividad desarrollada en el año 2016, por el subproyecto de Letras "Lectura de Literatura" del Uni-FACEF Centro Universitario Municipal de Franca, vinculado al programa PIBID desde el año 2011. El tema seleccionado fue "niños", por eso, las actividades aplicadas a alumnos de séptimos y octavos años de la

Enseñanza Fundamental matriculados en escuelas públicas de la Ciudad de Franca - SP, exploró el poema "*Meninos carvoeiros, de Manuel Bandeira*", que denuncia, de forma sensible, cuestiones sociales explícitas en el poema, como el trabajo infantil y, consecuentemente, la pérdida de la niñez. Esta investigación se justifica por analizar como se trabajan contenidos temáticos en los géneros literarios que, vinculados al estilo ya la estructura composicional, contribuyen a la reflexión y comprensión del texto. El objetivo de este estudio, por lo tanto, es analizar los recursos lingüísticos para la construcción de efectos de sentidos de géneros literarios. Para ello, el referencial teórico metodológico se compone, primero, de las reflexiones del Círculo de Mikhail Bakhtin sobre los géneros del discurso, especialmente los estudios de Bakhtin y de Medvédev (2012), así como de sus comentaristas y ensayistas, entre ellos, Brait, (2005), Clark y Holquist (1998), Fiorin (2006) y Machado (2005). Sobre lectura y la relación del autor-lector-texto nos guiamos en los estudios de Jouve (2002) y Martins (2002). Concluimos que las actividades desarrolladas contemplan la relación entre lengua y vida, en una articulación entre literatura y lingüística, promoviendo de ese modo la posibilidad de aprendizaje de la Lectura de Literatura.

Palabras clave: Géneros de Discurso. *Los niños Carvoeiro*. Lectura de literatura. PIBID.

1 Introdução

Sabe-se que a leitura é uma das formas mais importantes de adquirir conhecimento, pois vai além da escrita, não está pautada apenas no ato de decodificar palavras, visto que incomoda, estimula a imaginação e alarga os horizontes. Assim, a escolha do tema deste trabalho se deu após reflexões feitas sobre o Subprojeto de Letras do Uni-FACEF Centro Universitário Municipal de Franca "Leitura de literatura" do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), do qual uma das integrantes do nosso grupo participou.

Definido o tema de nosso trabalho, optamos por analisar as atividades propostas, cujo conteúdo temático é o trabalho infantil para, dessa maneira, compreendermos como são elaboradas e desenvolvidas as aulas.

Assim, a problematização desta pesquisa busca responder aos seguintes questionamentos: como são trabalhados os conteúdos temáticos nos gêneros literários que, atrelados ao estilo e à estrutura composicional, contribuem para a reflexão e compreensão e realidade dos alunos? De que maneira são analisados, em sala de aula, os recursos lingüísticos dos textos selecionados?

Como ocorre a articulação entre a leitura e a produção textual? Como são tratados os valores sociais e ideológicos presentes nos textos lidos? A produção de textos leva em consideração a relação do gênero com a vida?

Parte-se da concepção de Medviédev de que “são as formas do enunciado, e não da língua, que desempenham o papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade” (2012, p.198). Portanto, numa relação com os estudos bakhtinianos sobre gêneros do discurso, entendemos ser pertinente a leitura de literatura, a partir de seu plano de expressão para a constituição dos efeitos de sentido de um dado texto.

Desse modo, o objetivo principal deste trabalho é descrever e analisar uma das atividades desenvolvidas no ano de 2016, pelo Subprojeto de Letras “Leitura de Literatura”, vinculado ao PIBID/CAPES/Uni-FACEF, aplicadas a estudantes dos 7º e 8º anos do Ensino Fundamental matriculados em quatro escolas estaduais da cidade de Franca - SP.

A atividade escolhida para a nossa análise foi o poema “Meninos Carvoeiros”, de Manuel Bandeira que, carregado de análise e crítica social, contrapõe a infância ao trabalho infantil, gerando por meio de seu discurso, sensações e emoções diversas.

Como referencial teórico-metodológico, utilizamo-nos das reflexões do Círculo de Mikhail Bakhtin, especialmente os estudos de Bakhtin (2015) e de Medviédev (2012), a respeito dos gêneros do discurso, em específico, os literários, bem como ensaístas e comentadores de seus textos, entre eles, Brait (2005), Fiorin (2006), Clark e Holquist (1998) e Machado (2005). Sobre a leitura e a relação do autor-leitor-texto, pautamo-nos nos estudos de Jouve (2002) e Martins (2002).

Este trabalho está dividido em quatro partes, descritos a seguir:

Na primeira parte, abordamos o tema leitura e seu significado, em seguida, ressaltamos a importância de se ler e a relação entre o texto-autor e o texto-leitor nos primeiros contatos com a leitura e, por último, discutimos sobre o texto literário num contraponto entre os estudos discursivos de Medviédev e dos formalistas russos.

Em um segundo momento, discutimos sobre os gêneros do discurso e de sua relação com a vida, em especial, o tratamento do conteúdo temático e dos valores sociais e ideologias veiculados nos enunciados. Como a comunicação faz parte das relações humanas sendo, portanto, indispensável, sua manifestação ocorre em diferentes gêneros, de acordo com cada esfera das atividades humanas.

No capítulo item, apresentamos o projeto PIBID, seu histórico e suas características no decorrer do programa. Em seguida, descrevemos o subprojeto de Letras do Uni-FACEF, as escolas envolvidas e as atividades desenvolvidas em sala de aula com classes de sétimos e oitavos anos, desde 2011 até os dias atuais.

Por último, contextualizamos vida e obra do poeta Manuel Bandeira, com destaque para o poema “Meninos Carvoeiros”, presente na obra *Ritmo dissoluto*. Em seguida, abordamos o tema “criança”, proposto para as atividades desenvolvidas pelas coordenadoras de área e pelos licenciandos, sob a supervisão de professoras efetivas de quatro escolas públicas, a partir da análise discursiva de questões sobre o poema anteriormente referenciado.

2 O que é leitura?

Quando falamos em leitura pensamos em pessoas lendo jornais, revistas, folhetos e livros. A leitura extrapola a escrita, não é apenas o ato de decodificar palavras, pois ela incomoda, estimula a imaginação, alarga os horizontes, enriquece o vocabulário, provoca e modifica, transformando e formando de maneira crítica o leitor.

A palavra leitura deriva do latim *lectura*, que designa obra ou texto que se lê. A leitura é a ação de ler algo, ou seja, é o hábito de ler. De acordo com Ferreira (2017, online), significa:

“1- O que se lê. 2 - Arte ou ato de ler. 3 - Conjunto de conhecimentos adquiridos com a leitura. 4 - Maneira de interpretar um conjunto de informações. 5 - Registro da medição feita por um instrumento. 6 - Decodificação de dados a partir de determinado suporte”.

Apresentamos também, fazendo uma comparação com a origem da palavra, a definição de leitura do dicionário Houaiss:

“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

Leitura s.f. (1382 ct. SintHist) ação ou efeito de ler 1 ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; arte de ler <a l. penosa dos semi-analfabetos> 2 ato de ler em voz alta <a l. da ordem do dia> <a l. de uma proclamação> 3 ação de tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito, para se distrair ou se informar <a l. dos clássicos tornou-lhe mais elegante o estilo> 4 o habito, o gosto de ler <a l. estimula a imaginação> 5 o que se le; material a ser lido (HOUAISS, 2001, p.173).

Refletindo sobre leitura, notamos que o seu papel extrapola do que somente informar. A leitura de literatura, por exemplo, trata-se do gosto de ler, estimula a imaginação e, principalmente, está ligada a uma construção estilística diferenciada.

Observa-se, assim, o significado da palavra leitura, como também a sua importância e influência na vida das pessoas. Conforme já foi dito anteriormente, ela vai muito além da escrita, sempre em busca da construção do conhecimento. É, por meio dela, que temos uma interação produtiva entre o texto e o leitor, em que o leitor ocupa o lugar de destinatário para que a leitura esteja completa. O leitor é levado sempre a completar o sentido do texto e faz isso por meio de quatro esferas, que são: a verossimilhança, a sequência das ações, a lógica simbólica e a significação geral da obra. Essas características são essenciais para haver um diálogo entre leitor e texto.

Além disso, é preciso ter uma leitura atenta, fazendo um “contrato” entre o leitor e o texto, pois somente dessa maneira é que o leitor conseguirá obter uma leitura completa e observará na narrativa que, a descrição dos espaços, tempo e personagens não são completas e que cabe a ele, por meio da sua imaginação, completar essa descrição.

Existem vários métodos, mas basta que o leitor se fundamente em um método de leitura para que possa ter a fruição do imaginário e a consciência libertadora, mas tudo isso só é possível de acontecer ao lermos um livro ou texto.

2.1 Texto-autor e texto-leitor: primeiros contatos com a leitura

Em 1970, a leitura passou a ser estudada por profissionais da análise de textos, influenciada pelos formalistas da década de 20, sobre os quais trataremos na próxima sessão. Os estudiosos analisavam a imanência do texto, ou seja, Revista Eletrônica de Letras (Online), v.11, n. 11, edição 11, jan-dez 2018

defendiam a ideia que o texto diz o que diz por ele mesmo. Mas sabemos que isso depende de vários outros aspectos, externos à língua, entre eles, contextuais, ideológicos e intersubjetivos.

A leitura é a forma de como se interpreta um conjunto de informações. De acordo com Jouve (2002, p.13-14), “analisar a leitura significa se interrogar sobre o modo de ler um texto, ou sobre o que nele se lê (ou se pode ler) ”.

Os estudiosos formalistas se atentaram a duas questões mais relevantes: o que é a literatura? Como estudar os textos? Buscando a resposta do porquê de se ler um livro.

O prazer da leitura deve ser despertado logo na infância, pois é responsável por contribuir, de forma significativa, na formação cultural do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida.

O ato de ler está relacionado à escrita, e o leitor não deve ser visto apenas como um decodificador da letra. De acordo com Jouve (2002, p.15), “o leitor real apreende o texto com sua inteligência, seus desejos, sua cultura, suas determinações sócio-históricas e seu inconsciente”.

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações econômicas (MARTINS, 2006, p. 23).

Jouve (2002, p.17) considera que “a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em algumas direções”. E, por esse motivo, não pode ser reduzida a formas, a leitura é livre, pessoal, subjetiva e interpretativa. É o leitor que a mantém viva, em seu uso.

Jouve (2002) também estuda sobre a importância e a definição de leitura, portanto, para o autor, há dois tipos de leitura, uma é a “leitura descompromissada” e a outra é a “leitura crítica”. A primeira é sem compromisso, sem prestar muita atenção no que o texto está querendo realmente dizer, enquanto a outra requer um esforço, atenção e um maior conhecimento de mundo.

Por essa perspectiva, a leitura apresenta cinco dimensões e, antes de tudo, deve-se considerar a leitura como “um ato concreto, observável, que recorre a faculdades definidas do ser humano” (JOUVE, 2002, p.17). É uma forma de identificar e memorizar os signos. Passamos, agora, a discutir sobre os processos elencados por Jouve.

Primeiramente, a leitura só é possível com o funcionamento perfeito do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro, caracterizando, dessa maneira, um processo neurofisiológico. É um exercício de percepção, identificação e interpretação de signos. Usando as palavras de Jouve (2002), o leitor tem o hábito frequente de “pular” certas palavras ou confundir signos entre si durante a leitura de um texto, o que compromete seu entendimento. O deciframento do leitor é mais fácil quando o texto comporta palavras breves, antigas, simples e polissêmicas. Ainda sobre o leitor, o “espaço de memória” alterna entre oito e dezoito palavras. Sendo assim, quando não são respeitados os princípios de legibilidade, segundo Ricaudeau (apud JOUVE, 2002, p.18), muitos deslizos semânticos se tornam possíveis, constatando que “o texto lido não é o mais realmente o texto escrito”. O ato de ler pode então ser considerado uma atividade de estruturação e interpretação.

Após a leitura e decifração dos signos, o leitor numa segunda etapa, a cognitiva, procurará entender o assunto abordado. Nesse caso, é o tipo de texto que irá “ditar” a complexidade da leitura; se for um romance, por exemplo, o leitor terá pressa em chegar ao final; mas se for um texto científico ou acadêmico, deverá ler com calma e cautela, para ater-se aos detalhes e não comprometer seu entendimento. Nos dois casos, deve haver um conhecimento mínimo presente, para que a leitura seja concluída.

Não é possível ler um texto, particularmente um romance, e não se identificar ou ter empatia pela personagem. Em algum momento, projetamo-nos naquele universo que ganha vida no mundo das palavras. A catarse é uma forma de aproximação com a obra. Ela nos faz sentir piedade, amor, ódio, alegria, simpatia, emociona-nos e essa conexão é essencial para a leitura, ocorrendo, dessa maneira, um processo afetivo.

Em seguida, no processo argumentativo, é necessário conceber um texto sempre como um objeto de análise, pois parte de uma vontade criadora, que recapitula elementos que irão influenciar quem os lê.

Para Jouve (2002, p.21), “a interação de convencer está de um modo ou de outro, presente em toda narrativa”, ou seja, o texto deve indagar, incomodar e questionar. Fazer o leitor refletir é sua maior função.

Já o processo simbólico é relacionado à narração, aos argumentos propostos e pontos de vista defendidos na obra, e o sentido que se obtém da leitura está ligado ao seu contexto cultural. A leitura também afirma na dimensão simbólica, agindo nos modelos do imaginário coletivo. Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época, sendo assim, a cultura está presente na leitura. Podemos, então, definir a leitura como parte interessada de uma cultura.

Observamos que na relação autor-leitor-texto, autor e leitor não estão distantes no tempo como no espaço:

Autor e leitor não têm espaço comum de referência. Portanto, é fundamentando-se na estrutura do texto, isto é, no jogo de suas relações internas que o leitor vai reconstruir o contexto necessário à compreensão da obra (JOUVE, 2002, p. 23).

Dessa forma, o texto é visto para o leitor como um objeto autônomo e fechado sobre si mesmo. Assim, é a mensagem literária, como um objeto fechado, em que os componentes só adquirem sentido dentro das relações mútuas. A riqueza dos textos está baseada, principalmente, em seu caráter de comunicação literária.

De acordo com Jouve (2002), recebido fora de seu contexto de origem, o livro se abre para uma pluralidade de interpretações: cada leitor novo traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época.

Devemos destacar a importância do texto escrito, que se eterniza, ao longo dos tempos, por meio da palavra, diferentemente da oralidade, pois o enunciado depois de proferido não será mais o mesmo. Para Jouve (2002, p. 24), “no discurso oral a palavra morre logo ao ser pronunciada, o texto, ao contrário, resiste ao tempo e faz que, ainda hoje, se possa escutar Homero e Platão”.

2.2 O texto literário em relação aos estudos formalistas

Os Formalistas foram um grupo de jovens críticos russos, compostos por nomes como Viktor Chklóvski e Bóris Eikhenbaum, e de linguistas de Moscou como Roman Jakobson, os quais exerceram enorme influência nos anos 20. Com o passar dos anos, contribuíram significativamente aos estudos literários, tendo como base, principalmente, os estudos opostos aos de Bakhtin. Entretanto, ao mesmo tempo em que os formalistas se opõem à Bakhtin, ambos se complementam.

De acordo com os estudiosos Clark e Holquist (1998, p. 209), “Bakhtin era dado à especulação e a largas sínteses, os formalistas à inovação metodológica e à interpretação cerrada”. Para Bakhtin, um texto nunca está completamente acabado e seu entendimento é definido por valores éticos e contextos sociais. Já os Formalistas utilizaram-se de poderosas ferramentas para interpretar o texto literário, como instrumento impessoal na própria forma da linguagem literária.

Apesar das diferenças entre a posição de Bakhtin e a dos Formalistas, não houve falta de possibilidades de troca de conhecimento entre eles. De acordo com Clark e Holquist (1998, p. 210):

Bakhtin procurou tirar vantagens de algumas destas ocasiões, assim como se mostrou ansioso em debater com os Formalistas por certo número de razões. Os Formalistas eram para ele até mais importantes do que o Freudismo e o Marxismo, os dois outros “interlocutores” que enfrentou naqueles anos, porque os Formalistas se prestavam, como que feitos de encomenda, para a estratégia adotada por Bakhtin e que o levava dramatizar suas próprias ideias por meio da luta com ideias conflitantes de outrem.

Bakhtin, desde o começo, sempre alegou que a importância da linguagem era somente por ter uma capacidade de manifestar valores, ou seja, de significar algo para que uma elocução não se dê por acabada. “Um resíduo de significado deve ficar sobrando, mesmo após a mais exaustiva análise de uma enunciação” (CLARK; HOLQUIST, 1998, p. 210).

Bakhtin concebia a ideia de que os textos literários também eram enunciações¹, sendo assim, nunca finalizados. Deste modo, tal afirmação requisitava uma específica crítica literária, ou seja, uma nova poética, uma vez que, todas as obras antecedentes na área da Poética, subentendiam que o objeto de arte tinha a necessidade de ser tratado como se fosse um todo completo. Conforme Clark e Holquist (1998, p. 211),

Ninguém fora tão inteiramente explícito ou tão radical no modo de colocar essa pretensão quanto os Formalistas. Na crítica literária de Bakhtin, a palavra de ordem dominante sempre foi que o texto não é dado, porém concebido. O princípio dos Formalistas era diametralmente oposto: o texto é a soma de suas disposições.

Foi no artigo nomeado “O Problema do Conteúdo, Material e Forma na Criação Artística Verbal”, que Bakhtin falou pela primeira vez sobre indagações levantadas pelos Formalistas. Mas a revista foi proibida antes que o texto de Bakhtin chegasse a aparecer. Para Clark e Holquist (1998, p. 211) “mesmo que o artigo tivesse sido publicado, seria ofuscado pelos formalistas, tendo em vista que todos os envolvidos com a literatura sentiam-se atraídos por contrapor-se ao Formalismo”.

A atitude contra os Formalistas separou-se em uma parte da direita e a outra da esquerda. A direita era formada por todos aqueles cuja questão se fundamentava numa ou outra escola tradicional de crítica, por exemplo, as da abordagem biográfica ou histórica. Os fundamentos mais importantes da direita eram construídos por mais filósofos do que por críticos literários, com os quais Bakhtin tinha certa afinidade, porque se aproximava de suas acusações de que os Formalistas, em suas interpretações de obras particulares, careciam de base teórica. Já a posição da esquerda, formada, em grande parte, por marxistas, entendiam que os Formalistas desconsideravam os fatores sociais e políticos.

No decorrer do tempo, o conflito entre os Formalistas e seus adversários fez-se menos teórico e cada vez mais político e estridente. Bakhtin percebeu que, mesmo que a objeção entre os Formalistas e os marxistas parecesse

¹ Processo de produção de sentido a partir da utilização de um sistema linguístico particular, tendo em consideração não só os aspectos especificamente linguísticos, como também os aspectos sociais, culturais e outros, que determinam e regulam a atividade verbal. Por enunciação entende-se também o modo como os falantes fazem uso das marcas de pessoa, tempo e espaço nos enunciados que produzem.

formar um debate, a rivalidade não era um real diálogo, uma vez que, nenhum dos lados se mostrava a aceitar o outro.

Clark e Holquist (1998, p. 213) afirmam que:

Na concepção de Bakhtin, o real problema levantado pelos Formalistas tinha a ver com a natureza da linguagem literária, que é oposta a outros usos da linguagem, e este conjunto de questões se relacionava, em última análise, com o modo pelo qual a mudança se opera na história. Uma condição *a priori* de toda a prática dos Formalistas era a distinção que traçavam entre a linguagem poética e prática. Eles definiam esta última por seu desejo de exercer um efeito no mundo externo às palavras: a fala prática é dirigida para fora de si mesma, no sentido da ação extralinguística, como ao se dizer: “Fecha a porta!” ou “Por favor, passe o sal!”.

Ainda de acordo com Clark e Holquist (1998), a poesia é uma “violência praticada na linguagem” com o intuito de focar o interesse na própria enunciação. A rima é um exemplo óbvio de como o verso insiste em atrair a atenção para si. A linguagem poética é definida por seu poder de levar os leitores a perceberem as palavras de novo. Ela vai realizando lentamente os processos normais de percepção, que sem tal intervenção são dirigidos mais para a mensagem do que para o meio em que ela é vinculada. A linguagem na arte torna-se “desautomatizada”. A essência da “literariedade” encontra-se precisamente nessa “desautomatização”, um termo, às vezes, vertido por “estranhamento”.

Para os Formalistas, um novo texto poético deve brigar com textos escritos em linguagem prática, utilizando recursos que chamem a atenção para ele como texto. Eles alegavam que a história da literatura é uma constante batalha do texto poético não apenas para determinar a si mesmo desautomatizando a linguagem assim como é utilizada no universo da fala prática, como também para definir-se desautomatizando a linguagem de outros textos poéticos.

Desse modo, podemos afirmar que os estudos formalistas privilegiam uma concepção de linguagem poética como uma forma diversa das outras linguagens, ao contrário das reflexões do Círculo de Bakhtin que compreendia a linguagem literária como parte integrante dos processos normais da linguagem.

Bakhtin e os formalistas, nesse contexto, participaram de um embate dialógico, cujas posições confrontavam e promoveram uma rica reflexão sobre os estudos literários.

De acordo com Clark, Holquist, essa teoria tem por base sua visão da linguagem, não apenas como a luta entre dois tipos de discurso, algo que os Formalistas sustentavam com a sua oposição entre fala poética e fala prática, mas como uma batalha entre centenas de discursos.

3 Gêneros do discurso

3.1 Os gêneros do discurso: confrontando os estudos dos formalistas por Medviédev

A teoria da linguagem poética foi o objeto inicial do estudo dos formalistas, e não a composição da obra, deixando, por último, a abordagem sobre o gênero. Medviédev, em contrapondo a essa perspectiva, afirma que:

Os formalistas definem o gênero como um agrupamento específico e constante de procedimentos com determinada dominante. Uma vez que os procedimentos fundamentais foram determinados fora do gênero, este foi mecanicamente composta a partir dos procedimentos (2012, p. 193).

No entanto, a poética deve originar-se diretamente do gênero, já que o é uma forma do todo da obra, do todo do enunciado. Portanto, uma obra só se torna concreta, quando toma forma de determinado gênero.

O gênero é uma totalidade específica do enunciado artístico, essencial, acabada e resolvida. O todo artístico de qualquer gênero apresenta-se na realidade de forma dupla, e as características dessa dupla orientação determinam a forma dessa totalidade.

Medviédev (2012, p. 195) afirma que:

Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante.

Desse modo, evidencia-se a concepção de enunciado concreto e sua relação com a vida, ou seja, com o contexto sócio-histórico, os sujeitos envolvidos na comunicação, os valores sociais e as ideologias veiculadas.

No primeiro sentido, a obra entra em um espaço e tempo existentes, para ser lida em voz alta ou em silêncio, vinculada, por exemplo, à igreja, ao teatro, ao palco e a outros, como parte das festividades ou apenas do lazer. Ela subentende outro lado de receptores ou leitores, sendo que a obra abrange certo lugar na existência, pois está ligada ou próxima a alguma esfera ideológica.

Assim, por exemplo, o canto fazia parte de uma festa civil, isto é, estava diretamente relacionado à vida política e a suas comemorações, por outro lado, o canto lírico litúrgico era relacionado ao culto religioso, ou seja, em todo caso estava sempre próximo das religiões.

Ainda, de acordo com Medviédev (2012, p. 195):

Uma obra entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva, como executada, ouvida, lida em determinado tempo, lugar e circunstâncias. Essa orientação imediata da palavra como fato, mais exatamente como feito histórico na realidade circundante, determina toda a variedade de gêneros dramáticos, líricos e épicos.

Portanto, há uma necessidade de compreender a definição interna e temática dos gêneros, pois cada gênero é capaz de orientar somente determinados aspectos da realidade, pois possui algumas formas de seleção, de acordo com a visão e a compreensão da realidade por parte do autor.

Se tratarmos o gênero do ponto de vista da sua ligação interna e temática, com a realidade e sua formação, logo, podemos dizer que cada gênero apresenta seus próprios meios de visão e de entendimento da realidade, que são acessíveis somente a ele. Os gêneros líricos, por exemplo, possuem meios de atribuir forma da realidade à vida, através de sentimentos que envolvem a emoção, o estado de alma e até mesmo o ponto de vista do autor, sendo assim, menos acessível à novela ou ao drama; já os gêneros dramáticos, por sua vez, possuem meios de ver e mostrar diferentes aspectos de caráter e do destino humano, que podem ser revelados e observados com mais clareza por meio do romance. Por isso, cada um dos gêneros é uma união de sistemas e métodos de domínio e aprimoramento da realidade.

Existe um conceito antigo e, em geral, correto segundo o qual o homem toma consciência e compreende a realidade com a ajuda da língua. De fato, fora da palavra é impossível uma consciência ideológica minimamente clara. No processo de refração da existência por meio da consciência, a língua e suas formas possuem um papel fundamental (MEDVIÉDEV, 2012, p.198).

Portanto, são as formas do enunciado, e não da língua que realizam a função essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade. Pensamos e entendemos, por meio de conjuntos que constituem uma unidade, isto é, os enunciados.

A consciência humana abrange uma sucessão de gêneros interiores que auxiliam na compreensão da realidade. Dependendo do ambiente ideológico, a consciência pode ser mais rica de gênero, enquanto outra pode ser mais pobre, sendo assim, o contexto social, cultural e histórico irá influenciar.

No meio ideológico, a literatura abrange um espaço importante. Assim como as artes plásticas orientam os olhos do artista a enxergarem, aprofundarem e ampliarem a área de visão, do mesmo modo, os gêneros literários bem consolidados engrandecem nosso vocabulário e nos fazem compreender melhor a realidade. Sendo assim, a compreensão da realidade origina-se e desenvolve-se no processo da comunicação social e ideológica, portanto, a realidade do gênero é a realidade social.

De acordo com Medviédev (2012, p. 200), “os formalistas separam a obra tanto da realidade da comunicação social quanto do domínio temático da realidade. Eles fazem do gênero uma combinação fortuita de procedimentos ocasionais”. Diante disso, Medviédev defende o método sociológico como único para o estudo das artes e da literatura, opondo-se a uma tradição que tem como necessidade separar o estudo intrínseco das artes, do estudo de sua história e de sua inserção social e cultural.

3.2 Os gêneros do discurso na perspectiva do Círculo de Bakhtin

A comunicação faz parte das relações humanas e é indispensável, seja qual for o seu meio, pois se manifesta por diversas formas, podendo ser em forma

escrita ou oral, por meio da fala com o emprego de sons, gestos e até olhares, ou seja, ela pode ser expressa física e mentalmente.

Para Bakhtin, as manifestações discursivas são muito diversificadas e, ainda, todos os enunciados são dialógicos, visto que todo discurso é composto por outros discursos. “Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 2015, p. 88).

A linguagem pode ser analisada e estudada de diversas maneiras, envolvendo as questões humanas que nos permitem fazer reflexões, desde uma perspectiva estruturalista até uma perspectiva discursiva.

É relevante lembrar da importância da linguagem dentro das relações humanas, sem o seu uso não tem relacionamento nenhum entre as pessoas, ou seja, as relações humanas são a base para qualquer tipo de comunicação, principalmente atualmente, em um mundo repleto de linguagens diversas, inclusive pelo desenvolvimento tecnológico.

Os tipos de linguagem e suas funções envolvem os signos linguísticos, verbais ou não, que carregam consigo conceitos que são conhecidos e entendidos por aqueles que dominam a linguagem, tendo significados coerentes.

Bakhtin (2015, p. 261) afirma que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Entendemos que a natureza e as formas desse uso são multiformes como os campos das atividades humanas, evidenciando, dessa maneira, a relação entre os usos da linguagem e as atividades humanas.

Bakhtin ressalta que os enunciados

Refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só o seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (2015, p. 261).

A linguagem, ainda pela perspectiva bakhtiniana, está relacionada às várias esferas da atividade humana, podendo se manifestar de diferentes formas, ou seja, todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem por

meio dos enunciados. Enfim, cada campo de utilização da língua elabora tipos de enunciados, que denominamos de gêneros do discurso e apresentam riquezas e diversidades infinitas.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] cada esfera de utilização da língua, elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2015, p.261-262).

Podemos observar, dessa forma, que o discurso é moldado pelo gênero em uso. Ainda, de acordo com Bakhtin (2015), os gêneros do discurso nos são oferecidos quase como que nos é dada a língua materna.

Assim como a sociedade se modifica, os gêneros do discurso sofrem constantes transformações para poderem atender às necessidades sociais.

Sobre os gêneros do discurso, é possível refletir sobre certa relatividade que os envolve, como por exemplo, o enunciado é individual e particular, mas em cada campo da linguagem elaboram-se os seus tipos de enunciados, que são relativamente estáveis. A isso chamamos de gêneros do discurso.

O motivo pelo qual os gêneros do discurso devem ser compreendidos como estáveis está relacionado com os meios de produção, ou seja, quando conhecemos certo tipo de gênero, já são previstas certas características predominantes, que são o estilo e a estrutura composicional do enunciado.

Como cada esfera conhece gêneros apropriados à sua especificidade, apresentam estilos que correspondem às necessidades dos sujeitos, do contexto sócio-histórico-cultural e dos valores sociais das atividades humanas. As diferentes funções (científica, ideológica, oficial, cotidiana) e as condições específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal exigem um tipo de enunciado, portanto, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Os gêneros ainda dividem-se em primários e secundários. Para Bakhtin (2015), os gêneros primários ou simples apresentam enunciados mais simplificados,

ou seja, não trazem em si uma elevada carga de elaboração. Eles são mais simples e estão relacionados com as comunicações diárias e imediatas como, por exemplo, a carta, o bilhete e o diálogo cotidiano.

Para compreender os gêneros do discurso e as suas subdivisões, é importante ficar atento ao enunciado. O gênero primário vai tratar sobre os enunciados que são menos elaborados e mais simples, no entanto, não deve ser visto como vulgarizado.

Já os gêneros secundários ou complexos são mediados pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas. Apresentam um trabalho mais elaborado, presente, por exemplo, nas pesquisas acadêmicas, poesias, romances, teatros, etc. No entanto, os gêneros secundários integram os gêneros primários na sua criação, como nos diálogos do dia a dia que são comuns em obras como os romances.

É importante tratar sobre a heterogeneidade dos gêneros e identificá-los como gêneros que abrangem várias formas e estruturas enunciativas. Essa heterogeneidade pode depender de diversos fatores, que vão, desde a maneira de recepção até as intenções do enunciador e o contexto que vai se inserir a enunciação.

Pode-se entender também que essa heterogeneidade reflete na relação dos gêneros discursivos com os vários campos da atividade humana, tornando-se invariável estudá-la em um único plano.

Os dois gêneros citados anteriormente, tanto o primário como o secundário, são compostos por fenômenos da mesma natureza que são os enunciados verbais.

O gênero não pode ser pensado e analisado fora da dimensão espaço-temporal, denominada pelo Círculo de Bakhtin como cronotopo. O conceito de cronotopo está associado às categorias espaço-temporais assimilados artisticamente na literatura.

É com o cronotopo que conseguimos entender que o gênero tem uma existência cultural, constitui-se a partir de situações cronotópicas particulares como

FREITAS, B. C.; CRUZ, D. P.; FERREIRA, T. R. H. G; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F. também recorrentes, considerando assim que o gênero é tão antigo como as organizações sociais.

Para Bakhtin, quando se olha o mundo pela ótica da prosa, toda a cultura se prosifica. A prosa está tanto na voz quanto na poesia. Desse modo, propõe uma desconstrução em uma ordem cultural considerada inabalável e ainda defende o uso de uma forma dentro da outra, num processo de dialogismo.

Bakhtin (2015, p. 265) ao afirmar que “Ora a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”, reforça a ideia de que a língua é vida, não uma estrutura fechada em si mesma como os estudos estruturalistas defendiam.

Os gêneros discursivos, portanto, devem ser vistos como manifestações da cultura. É uma forma de organização, troca, divulgação e, sobretudo, de criação de mensagens em contextos específicos. Os gêneros são um elo que une e dinamiza as relações entre pessoas ou sistemas de linguagem (MACHADO, 2005, p.158).

O entendimento sobre a língua frente à vida salienta a questão dos enunciados, comprovando que os três elementos - língua, vida e enunciado - estão constantemente interligados. A língua depende da vida para estar em uso, e isso se dá por meio dos enunciados concretos.

Bakhtin (2015), ainda a respeito da língua, nos diz que “os gêneros do discurso organizam nosso discurso, quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais”, ou seja, os gêneros se organizam nos discursos, por meio da língua em diferentes situações de uso.

Os gêneros discursivos têm participação afetiva em todos os campos, dos mais diversos tipos, sempre em processo de modificação unidos ao desenvolvimento social.

Bakhtin também faz uma reflexão a respeito da relação entre sociedade e contexto nos gêneros:

A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros,

“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

paralelamente a formas familiares e, além disso, diversos graus de familiaridade e de formas íntimas (estas são diferentes dos familiares). Esses gêneros requerem ainda um certo tom, isto é, inclui em sua estrutura uma determinada entonação expressiva (BAKHTIN, 2015, p. 283-284).

A partir dessa concepção de Bakhtin, podemos observar que cada situação demanda de certo tipo de gênero, apropriado e necessário para cada contexto em que estará inserido, sendo algumas formas mais familiares do que outras.

Para entendermos melhor o enunciado, devemos relacionar sua relação com a oração, pois há o enunciado de um lado, e do outro, a oração. Os limites da oração, na medida que pertence à unidade da língua, não são definidos pelas mudanças dos sujeitos do discurso. Definimos como oração um pensamento parcialmente acabado, sucessivamente correlacionado a outros pensamentos do mesmo falante no ato do enunciado. Ao término da oração, o falante faz uma pausa para o seguinte pensamento, para que, assim, possa concluir seu raciocínio, e ainda, ter uma atitude responsiva do ouvinte, o que falaremos mais a respeito em breve. Porém, se a oração é considerada plena e acabada, ela não está cercada pelo contexto do discurso do mesmo falante, ela estará então diante de outras enunciações de outros falantes. A oração depende das propriedades de unidades da língua, ela tem natureza gramatical, regras e normas gramaticais. Em meio a um conteúdo de enunciado pleno e acabado, ela assume propriedades estilísticas.

Segundo Bakhtin (2015, p. 278) “não se pode permutar orações como se permutam palavras, no sentido linguístico”. Podemos permutar enunciados que são construídos com a colaboração das unidades da língua, palavras, combinações de palavras, enfim, o enunciado pode ser construído, a partir de uma oração, mas o mesmo não é possível à unidade da língua, não é possível transformá-la em unidade de comunicação discursiva.

Todo entendimento da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza dinamicamente responsiva, toda compreensão é repleta de respostas. Nesse ponto, o ouvinte se torna falante. O corpo fala, ele tem uma atitude responsiva mesmo sem se utilizar da fala.

Desse modo, toda compreensão plena real é ativamente responsiva, ou seja, é resposta de um sujeito a outro. O falante tem a expectativa de uma resposta, seja ela de concordância ou não, de participação ou objeção, etc. O enunciado se constitui como um elo para a organização de outros enunciados. Assim, não são produzidos enunciados fora das esferas das práxis humanas, pois são determinados por condições e finalidades específicas de cada uma dessas esferas.

Para Bakhtin:

A língua como sistema, possui uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos e sintáticos, entretanto, esses recursos só atingem direcionamento real quando se trata de um enunciado concreto, que está em contato com o contexto sócio-histórico, com as ideologias e valores sociais e, sobretudo, em processo dialógico com outros discursos. (2015, p. 306).

Assim, a escolha dos recursos linguísticos pelo falante é feita sob a influência do destinatário e de sua atitude responsiva ativa.

Por essa perspectiva, podemos afirmar que, quando analisamos uma oração isoladamente, retirada do contexto, é somente um estudo da língua por si só, sem levar em conta o todo do enunciado, isto é, o fluxo da comunicação humana.

3.3 Estilo e suas características: algumas reflexões

Conforme já foi dito anteriormente, cada uma das esferas verbais produz gêneros constituídos por enunciados concretos compostos por conteúdo temático, estilo e estrutura composicional.

Brait (2008, p. 80) afirma que:

Estilo se apresenta como um dos conceitos centrais para se perceber, a contrapelo, o que significa, no conjunto das reflexões bakhtinianas, dialogismo, ou seja, esse elemento constituído da linguagem, esse princípio que rege a produção e a compreensão dos sentidos, essa fronteira em que eu e outro se interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou se confundirem.

O conceito de estilo está intimamente ligado ao dialogismo, ou seja, ele está baseado no diálogo que existe entre os discursos, por extensão, entre os enunciados, entre os gêneros e os sujeitos.

O estilo, na perspectiva do pensamento bakhtiniano, está relacionado com as escolhas de recursos fraseológicos, sintáticos e semânticos.

É por meio do estilo, interligado ao conteúdo temático e à estrutura composicional, que se constituem os enunciados, como também as relações entre sujeitos, os valores sociais e ideológicos, caracterizando todo o contexto de produção. Para Bakhtin e seu Círculo, a linguagem está baseada nesta relação, defendendo fundamentalmente o lugar da alteridade, isto é, do outro e das vozes que compõem o enunciado dentro de um texto ou dentro de um discurso, por isso mesmo, o estilo não pode ser pensado somente como individual, pois se leva em conta seu destinatário, ou seja, preferências, antipatias, expectativas, etc.

Esse conceito vai se construindo dentro do pensamento bakhtiniano e, ao mesmo tempo, coloca à tona uma grande polêmica apresentada por meio das vertentes clássicas da linguagem, como também da estilística e as filosofias que as fundamentam.

A estilística deve basear-se não apenas e nem tanto na linguística quanto na metalinguística², que estuda a palavra não no sistema da língua e nem num “texto” tirado da comunicação dialógica, mas precisamente no campo propriamente dito da comunicação dialógica, ou seja, no campo da vida autêntica da palavra. A palavra não é um objeto, mas um mero constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz (BAKHTIN apud BRAIT, 2008, p. 81-82).

Esse conceito também pode ser tratado como um estudo aprofundado e inovador sobre a forma de transmissão do discurso do outro que contrapõe à leveza redutora e mecânica que eram tratados os discursos direto, indireto e indireto livre (BRAIT, 2008).

Alguns gêneros podem permitir possibilidades de estilo individual diferente de outros. Entendemos então que o estilo individual destina-se ao estudo do enunciado enquanto que o estilo, de modo geral, remete-se ao gênero.

Outro aspecto interessante é que há alguns fatores essenciais que atuam nas interrelações dos participantes do discurso que estão envolvidos e acabem por determinar linhas gerais e básicas do estilo poético como um fenômeno

² Enquanto na concepção bakhtiniana, a linguística estuda a língua e suas unidades, a metalinguística que tem como objeto de estudo os enunciados e, por extensão, o dialogismo.

A. L. F.

social. Por meio do desenvolvimento desse raciocínio, temos três participantes e devem ser compreendidos como entidades que são fatores essenciais dentro da obra, são eles: autor, herói e ouvinte.

O estilo se baseia também na palavra e em sua vida autêntica, na sua comunicação dialógica. O enunciador, como vimos, faz escolhas linguísticas, ou melhor, verbo-visuais, quando se trata de enunciados compostos por linguagem sincrética.

Para definir os gêneros do discurso, Brait (2005) comenta sobre um aspecto importante que é o fato de o estilo transitar entre todas as atividades humanas e deve ser pensado de forma cultural, partindo de temas e formas de composição e estilo. Isso nos mostra que, além da atividade literária, todas as demais atividades humanas acabam em gêneros e, conseqüentemente, em estilos.

Brait (2008, p. 87) afirma que:

[...] o estilo artístico não trabalha com palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida, podendo, portanto, o estilo ser definido como o conjunto dos procedimentos de formação e acabamento do homem e seu mundo.

Portanto, é pelo estilo que se determina a relação com o material, com a palavra. O artista faz escolhas contextualizadas, utilizando a realidade como pano de fundo, a palavra, desse modo, vai ganhando sentido dentro do contexto. Enfim, o artista tem o intuito de que a sua obra ultrapasse o tempo e espaço.

4 Projeto PIBID: histórico e características do programa

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi elaborado em 2007, pelo Ministério de Educação e implementado pela CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), concedendo bolsas de iniciação à docência a estudantes, cujas Instituições de Educação Superior (IES) em conjunto com escolas de educação básica da rede pública de ensino participam com projetos de diversas áreas da educação.

Esses projetos devem proporcionar, aos estudantes de licenciatura, o contato com o contexto das escolas públicas desde o começo da sua formação



“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

acadêmica, para que desenvolvam e realizem diversas atividades didático-pedagógicas, sob a supervisão e a orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

Assim, o programa tem como objetivo unir as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e as universidades, visando à melhoria do ensino nas escolas públicas e promovendo a formação de docentes em nível superior para a educação básica. Busca-se, assim, aumentar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura e propiciar a interação entre a educação superior e a educação básica.

Para participar do programa, as Instituições de Educação Superior públicas ou privadas interessadas devem apresentar a CAPES seus projetos de iniciação à docência.

No total, são cinco modalidades de bolsas concedidas aos participantes do projeto institucional:

- Iniciação à docência: para estudantes de licenciatura das áreas abrangidas pelo subprojeto. Valor: R\$400,00 (quatrocentos reais).
- Supervisão: para professores de escolas públicas de educação básica que supervisionam, no mínimo, cinco e, no máximo, dez bolsistas da licenciatura. Valor: R\$765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais).
- Coordenação de área: para professores da licenciatura que coordenam subprojetos. Valor: R\$1.400,00 (um mil e quatrocentos reais).
- Coordenação de área de gestão de processos educacionais³: para o professor da licenciatura que auxilia na gestão do projeto na IES. Valor: R\$1.400,00 (um mil e quatrocentos reais).

³As bolsas de Coordenação da área de Gestão foram extintas.

FREITAS, B. C.; CRUZ, D. P.; FERREIRA, T. R. H. G; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F.

- Coordenação institucional: para o professor da licenciatura que coordena o projeto PIBID na IES. É permitida a concessão de uma bolsa por projeto institucional. Valor: R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais).

4.1 Leituras de literatura: apresentação do subprojeto de letras do Uni-FACEF

O subprojeto de Licenciatura em Letras iniciou-se em 2011, com dez bolsas de Iniciação à Docência e, atualmente, possui trinta e uma bolsas a licenciandos, quatro para professoras supervisoras que acompanham os estudantes e os auxiliam a desenvolver os projetos propostos, no decorrer do ano, duas para coordenadoras de área e uma para a coordenadora institucional.

O projeto tem como objetivo propiciar, aos licenciandos do curso de Letras do Uni-FACEF, a oportunidade de viver e conhecer, na prática, o cotidiano do trabalho do professor de Língua Portuguesa da escola pública em classes de sétimo, e, preferencialmente, oitavos anos do Ensino Fundamental, utilizando-se da leitura de textos literários.

É importante ressaltar que, no decorrer do ano, os licenciandos realizam tanto as atividades em sala de aula, quanto aquelas que são exteriores a ela, como reuniões de ATPC, conselhos de classe, reuniões de pais e mestres, planejamento anual, bimestral e semestral, entre outros.

Nesse contexto, por meio do projeto, o licenciando e o professor supervisor têm necessidade de apresentar e discutir estudos fundamentais da Língua Portuguesa que permitam um aperfeiçoamento no conhecimento teórico. Sendo assim, não só o estudante de Letras, mas também o professor tem em sua formação o compromisso com o estudo teórico e a busca das justificativas de suas práticas na sala de aula.

No subprojeto do curso de Letras, especialmente, são selecionados textos de literatura, tendo em vista um melhor desenvolvimento da leitura. Para isso, as práticas e atividades são objeto de reflexão e aplicação em sala de aula e têm

como propósito a exploração dos planos de expressão e de conteúdo dos textos propostos, articulando-os na construção da leitura interpretativa.

No começo, foram feitos trabalhos com poemas e narrativas (crônicas, contos e romances) de autores renomados da Literatura Brasileira, atentando para a abordagem de aspectos de seu plano de expressão, por meio da identificação de recursos ortográficos, fônicos, gráficos, morfossintáticos, de pontuação. Além disso, o estudo sobre os textos leva em conta a construção de sentidos, de elementos de humor e de ironia que podem ser percebidos ao longo do processo.

Portanto, um dos principais propósitos do projeto é que os alunos desenvolvam atividades em sala de aula, acompanhando o trabalho do professor de Língua Portuguesa em práticas que explorem especificamente atividades voltadas para a observação, desenvolvimento e a compreensão de textos narrativos e de poemas. No final, há uma avaliação de todo esse processo com a participação de todos os envolvidos, assim como a redação de relatórios semestrais apresentados à CAPES.

A seguir, apresentamos as escolas que participam ou participaram do subprojeto:

Quadro 1 - Escolas envolvidas

Nome das escolas da rede pública de Educação Básica do Estado de São Paulo	Situação
E. E. Lydia Rocha Alves	De 2011 aos dias atuais
E. E. Prof. Dante Guedine Filho	De 2015 aos dias atuais
E. E. Mário D' Elia	De 2014 aos dias atuais
E. E. Homero Alves	De 2017 aos dias atuais
E.E. Capitão José Pinheiro de Lacerda	1º semestre de 2016
E.E. Profa. Maria Cintra Nunes Rocha	De 2011 a 2013

Fonte: elaborado pelas autoras, 2017.

Descrevemos, a seguir, os autores e textos trabalhados:

Quadro 2 - Atividades desenvolvidas

Ano	Assunto	Textos e Autor	Produções acadêmicas
2011	Trabalhando com a linguagem poética	<ul style="list-style-type: none"> • “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira; • “Assim, assado”, de Eva Furnari; • “Convite”, de José Paulo Paes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Viajando de trem com Manuel Bandeira: relato de experiência sobre o trabalho de leitura de texto poético desenvolvido com crianças de sexto ano do ensino fundamental; • Brincando com palavras e imagens: relato de experiência sobre o trabalho desenvolvido com crianças de sexto ano do ensino fundamental em leitura e produção de texto a partir da obra Assim Assado de Eva Furnari; • O “Convite” de José Paulo Paes e as várias formas de brincar de poesia.
2012	Projeto sobre os poetas brasileiros modernos: percursos, criações e recriações:	<p><u>Cecília Meireles:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • “Ou isto, ou aquilo”; • “Na chácara do Chico Bolacha”; • “Olhinhos de gato”, 	<ul style="list-style-type: none"> • Som, ritmo e imagem na poesia infantil de Cecília Meireles: sequência didática sobre o poema “Rio na sombra”; • Sequência didática

	poesia de Carlos Drummond de Andrade e de Cecília Meireles.	<ul style="list-style-type: none"> • “Rio na sombra”. <p><u>Carlos Drummond de Andrade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • “Poema de sete faces”; • “Quadrilha”; • “Infância”. 	sobre o poema Infância de Carlos Drummond de Andrade;	<ul style="list-style-type: none"> • A personalidade e suas múltiplas faces: sequência didática sobre o “Poema de sete faces” de Carlos Drummond de Andrade.
2013	Do poema à crônica jornalística.	<ul style="list-style-type: none"> • “Poema tirado de uma notícia de jornal”, de Manuel Bandeira; • “Lembrança do mundo antigo”, de Carlos Drummond de Andrade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexões sobre a representação do cotidiano: do poema à notícia do jornal; • A poesia do cotidiano no “Poema tirado de uma notícia de jornal” de Manuel Bandeira. 	
2014	A literatura de cordel: confluências entre a tradição popular e a arte erudita.	<ul style="list-style-type: none"> • “Seu Lunga”; • “A história do pavão misterioso”; • Histórias de Pedro Malazarte; • A raposa e o bode • Fragmento da Odisseia; 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação diagnóstica: introdução de projeto de leitura e escrita; • O processo de leitura e escrita: avaliação diagnóstica em nova etapa do PIBID; • Literatura de cordel: um gênero que desperta a criação; 	

A. L. F.

		<ul style="list-style-type: none"> • “Auto da Compadecida” e “O Santo e a porca”, de Ariano Suassuna. 	<ul style="list-style-type: none"> • Entre o cordel e o auto: uma proposta de leitura do Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna; • Projeto “Ler brincando”: propostas de atividades lúdico-literárias no PIBID- Letras Uni-FACEF; • O “Convite” de José Paulo Paes e as várias formas de brincar de poesia.
2015	Autobiografia, memórias e ficção: impressões subjetivas e representações da realidade.	<ul style="list-style-type: none"> • Pinturas, de Van Gogh; • Haicais, de diversos autores; • Fragmentos de Infância, de Graciliano Ramos; • “O inferno”, de Graciliano Ramos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Impressões e expressões: o olhar do artista sobre a realidade; • Lendo literatura: uma proposta de abordagem do texto literário em sala de aula; • Ficção, memória e autobiografia: proposta de abordagem do conto “O Inferno”, de Graciliano Ramos em sala de aula.
2016	Narrativa memorialística.	<ul style="list-style-type: none"> • Textos: “Galinha ao molho pardo”, de Fernando 	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre a questão da infância e pré-adolescência;

“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

		<p>Sabino e o poema “Meninos carvoeiros”, de Manuel Bandeira;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Curta: “Os fantásticos livros do Sr.Lessmore”; • Conto: “Tentação”, de Clarice Lispector; • “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade reflexiva, a partir da leitura do poema; • Sensibilizar os alunos para a necessidade da leitura; • Compreender elementos constitutivos; • Trabalhar o gênero conto, sua estrutura e características.
2017	Narrativa memorialista (1º Semestre)	<ul style="list-style-type: none"> • Crônica: “Quem sou eu?”, de Martha Medeiros; • Crônica: “Sfot Poc”, de Luís Fernando Veríssimo. • Fábula: “O lobo e cão”, de Monteiro Lobato; • “Histórias de Zig”, de Rubens Braga. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do projeto à novas classes; • Diferença entre língua falada e língua escrita; • Animais domésticos.

Fonte: elaborado pelas autoras, 2017.

5 Manuel Bandeira: um percurso histórico

Primeiramente, para a aplicação da atividade, foi feita uma apresentação por meio de slides, que contextualizavam a vida e obra do autor Manuel Bandeira, para que os alunos tivessem um primeiro contato com o autor.

Bandeira tinha uma variedade de interesses literários e foi um mestre em todas as formas de poesia. Assim, através de sua poesia, podemos, inclusive, entender melhor o percurso da própria poesia brasileira (ANDRADE apud MOURA, 2001, p. 11).

A frase do escritor Carlos Drummond de Andrade define um pouco sobre a poesia e o pensamento de Manuel Bandeira, bem como a sua importância na poesia brasileira.

O poeta pernambucano Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu na cidade de Recife no dia 19 de abril de 1886. Era filho de Manuel Carneiro de Souza Bandeira e de Francelina Ribeiro de Souza Bandeira.

Manuel Bandeira estudou na Faculdade Politécnica em São Paulo, mas precisou deixar os estudos durante um tempo para ir à Suíça no Sanatório de Clavadel em busca de tratamento para sua tuberculose. Durante o tempo que ficou no sanatório conheceu o poeta Paul Eluard.

Recuperado, retornou ao Brasil e publicou seu primeiro livro em versos no ano de 1917, *Cinza das Horas*, mas, devido à obra ter influências simbolistas, não obteve grande interesse por parte do público. Anos mais tarde, publicou a obra *Carnaval*, que continha traços modernistas. Participou da Semana de Arte Moderna, sendo presença decisiva na consolidação da poesia modernista. Suas poesias eram inspiradas em cenas do cotidiano, retratando a sociedade e realidade vivida.

Bandeira também realizou outras atividades como jornalista, redator de crônicas, tradutor, professor e integrante da Academia Brasileira de Letras. Foi um dos nomes mais importantes do modernismo no Brasil, faleceu no ano 1968, no Rio de Janeiro.

De acordo com Mendes:

“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

A poesia existe tanto nos amores como nos chinelos’, afirmou o poeta, retomando a imagem de um poema ouvido por seu pai de um homem de rua, conforme consta no Itinerário de Pasárgada (1954), livro fundamental para a boa compreensão de sua poesia (MENDES, 2001, p. 15).

Essa afirmação nos sugere uma concepção de aumento do seu fenômeno poético, distanciando-se cada vez mais das estéticas parnasiana e simbolista, cuja a concepção poética era de que “a poesia deveria ser o domínio quase exclusivo e raro⁴”. O ensaísta ainda afirma que:

O poeta procurou frisar em sua afirmação é que a poesia pode brotar também das coisas mais cotidianas. Nessa perspectiva de aproximar o prosaico do poético ou trivial ou sublime, Manuel Bandeira não apenas aderiu ao nosso modernismo, como também ajudou enormemente a forjar a sua linguagem no campo da poesia (MENDES, 2001, p. 15).

Sua poesia torna-se arrebatadora e necessária para incorporar com naturalidade técnicas diversas e na mistura de estilos.

O primeiro grande livro que marcou as publicações de Manuel Bandeira foi a obra *Ritmo Dissoluto*, publicado no ano de 1924, representando o amadurecimento do poeta de que, nesta obra, induz uma fala mais pessoal e intimista, por meio dos personagens e situações retratadas. Manuel Bandeira liga a poesia da vida na vida da poesia em uma tentativa de encontrar e dominar sua linguagem pessoal. Entre os poemas desta obra, destaca-se “Os meninos carvoeiros”, poema que se encontra presente no projeto do PIBID/Letras do Uni-FACEF “De criança a adolescente: representações literárias”.

5.1 Projeto PIBID 2016: “De criança a adolescente: representações literárias

Para a análise das atividades desenvolvidas pelo subprojeto de Letras, escolhemos o projeto “De criança a adolescente: representações literárias”, que teve como propósito trabalhar com o tema “criança”.

⁴Termo utilizado pelo ensaísta Murilo Marcondes de Moura (2001), em seu livro *Manuel Bandeira*, da coleção Folha Explica.

As atividades desenvolvidas exploraram a leitura, interpretação e produção de textos, a partir de análises e investigações feitas sobre os recursos linguísticos e expressivos na construção de sentido do poema, assim como da constituição de outros enunciados artísticos.

Inicialmente, foram apresentados os textos “Meus Oito Anos”, de Casimiro de Abreu e “Ai que saudades...” e “O direito das crianças”, ambos de Ruth Rocha. Essa primeira atividade teve como propósito levar os alunos a refletirem sobre “ser criança”, promovendo, desse modo, duas produções textuais cujos temas eram “o que foi ser criança” e o que é ser um “pré-adolescente” com destaque para o “estar no mundo” e a necessidade de crescer e assumir cada vez mais responsabilidades.

Em seguida, trabalhou-se com o poema “Meninos Carvoeiros”, do poeta Manuel Bandeira, objeto de nossa análise, o qual aborda o tema “criança”, a partir do olhar sensível do poeta em relação ao cotidiano e às questões sociais explícitas no poema, como trabalho infantil e, por consequência, a perda da infância. Questões sociais, como a incidência do trabalho infantil e as leis que vigoram em proteção à criança e ao adolescente, foram apresentadas e discutidas pelo grupo em um momento de reflexão para a realização das posteriores atividades, para, assim chegar à produção de texto individual, com enfoque sobre o tema trabalho infantil.

5.1.2 “Meninos carvoeiros”: um olhar discursivo sobre as atividades do Pibid.

Como vimos anteriormente, o enunciado, na perspectiva bakhtiniana, reflete as finalidades das esferas das atividades humanas. Assim, o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional são utilizados de forma a atender as ideologias e os valores sociais em que um enunciado está inserido.

Tendo em vista o poema de Manuel Bandeira, “Meninos Carvoeiros”, é possível refletir sobre a construção e organização do texto poético, deixando espaço para interpretações por parte do leitor. Esteticamente, verificamos que o poema “Meninos Carvoeiros” se trata de um poema, com características da prosa, uma vez que é constituído pelo gênero lírico, mas se apresenta com um tom de narrativa em forma de poesia.

É um poema estruturado em versos livres e brancos e sem regularidade métrica, pois possui versos e estrofes de tamanhos diferentes. Entretanto, nessa estrutura há presença de ritmo por meio de outros recursos como a escolha das palavras, no plano do eixo paradigmático, e sua combinação, no eixo sintagmático.

As escolhas linguísticas feitas pelo autor são todas tratadas em torno do ritmo presente no poema. A opção feita pelo autor por uma escolha linguística metafórica com uma prosa elíptica, além das ilustrações estilizadas e requintadas, abre um leque de interpretações no desenrolar da história, em que os momentos duros da vida do menino carvoeiro são intercalados com momentos e sonhos infantis em uma tentativa de fuga da realidade.

Manuel Bandeira tenta buscar as formas e os temas próximos do homem e de seu cotidiano. Cada palavra, cada som, cada ritmo constrói o sentido na composição dos versos. A sua poesia mostra uma outra realidade da sociedade e do ser humano alienado inserido na situação que lhe é imposta.

Os meninos carvoeiros são retratados de forma heroica, como se fossem trabalhadores, homens indo em direção à luta diária. São expostas questões voltadas para os fatores históricos e sociológicos que mostram a realidade do Nordeste, em que as pessoas vivem de forma miserável e as crianças são obrigadas a trabalhar, por necessidade, na luta diária. Os meninos carvoeiros trocam seus brinquedos pelo trabalho e pelo carvão carregado por burrinhos lesados de magros.

Os burros são magrinhos e velhos
Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.
A aniagem é toda remendada.
Os carvões caem!
(BANDEIRA, 1993, p. 115-116).

De acordo com Medviédev (2012), é impossível formar a unidade temática de uma obra como se ela fosse uma fusão dos significados de suas palavras e de suas orações isoladas, pois o conteúdo temático, definido pelo enunciador, irá depender das situações, condições de produção e necessidades da própria enunciação. A escolha do conteúdo no momento da enunciação deve evidenciar a intenção do enunciador.

FREITAS, B. C.; CRUZ, D. P.; FERREIRA, T. R. H. G; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F.

O conteúdo temático central aborda o tema “crianças” que, como vimos anteriormente, é subdividido em duas etapas temáticas: a primeira, a criança e a adolescência, a partir da leitura dos textos de Casimiro de Abreu e Ruth Rocha. A segunda etapa, a qual iremos analisar, utiliza-se do poema “Meninos Carvoeiros”, de Manuel Bandeira, que pelo olhar sensível do poeta em relação ao cotidiano e às questões sociais das crianças, explícita no poema, como o trabalho infantil, os aspectos sociológicos da sociedade, a exploração infantil e a perda da infância.

Medviédev (2012), em seus estudos, defende a ideia de que todo enunciado não está voltado apenas para a palavra, nem para a frase ou para o período, mas para o todo do enunciado, como apresentação discursiva determinada pelos aspectos sócio-históricos e sua relação com o destinatário, o leitor.

Na estrofe a seguir, retirada do poema, podemos observar o conteúdo temático: crianças, trabalho infantil e a perda da infância:

- Eh, carvoero!
Só mesmo estas crianças raquíticas
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.
A madrugada ingênua parece feita para eles...
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!
(BANDEIRA, 1993, p. 115-116).

Para o estudo do poema, foi proposta uma atividade composta por nove questões, envolvendo os aspectos semânticos, gramaticais e discursivos, as quais buscam conduzir o aluno à compreensão. Ao final, há uma proposta de produção de texto que exige a reflexão sobre o tema abordado e desenvolvido.

Na primeira questão, os alunos tinham que explicar o significado da palavra “carvoeiro”, para reforçar a ideia central do poema e promover a reflexão sobre as crianças que trabalham em carvoarias.

Na segunda questão, é pedido aos alunos que anotem as palavras novas que encontrarem no texto para despertar o interesse e a curiosidade e depois pesquisarem seus significados. Portanto, as duas questões são semânticas e foram elaboradas no intuito de auxiliar na leitura e no entendimento do poema.

Sendo assim, para uma boa leitura, é necessário que os alunos tenham um conhecimento de mundo adquirido no decorrer de sua vida. Cabe, ao professor, desenvolver na sala de aula uma leitura atenta, para poder apreciar melhor o texto e

“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

atribuir sentido a ele e, se for preciso, reler com eles, comentar, comparar com outras leituras. Dessa forma, os alunos utilizam desses conhecimentos para realizarem a leitura e as atividades sobre o poema “Meninos carvoeiros”, de Manuel Bandeira.

É importante que o professor sempre faça a releitura do texto, pois, de acordo Jouve (2002, p. 29), “o texto não é somente uma “superfície”, mas também um ‘volume’ do qual certas conexões só se percebem na segunda leitura”. Desse modo, podemos reforçar a importância que a releitura exerce sobre um texto, pois desde que uma obra literária seja minuciosamente construída, a releitura não vai ser apenas desejável, mas também necessária. Portanto, para uma melhor compreensão do tema, é preciso que o aluno adquira conhecimentos mediados pelo professor, a fim de ter condições para analisar e interpretar a atividade.

A terceira questão, apresentada a seguir, é composta de três alternativas:

3) Observe as expressões do texto, transcritas abaixo⁵:
*Os meninos **carvoeiros***

-

*Eh, **carvoero!***
*Adoráveis **carvoeirinhos***

a. Na primeira expressão, “carvoeiro” está caracterizando qual palavra?

b. Em qual dessas expressões há um chamado?

c. Explique por que, nessas expressões, a mesma palavra está escrita de maneiras diferentes.

⁵Todas as atividades que, daqui por diante, são apresentadas, foram elaboradas pelos integrantes do subprojeto de Letras-PIBID-Uni-FACEF, ou seja, pelas coordenadoras de área Monica de Oliveira Faleiros e Ana Lúcia Furquim Campos-Toscano e pelos bolsistas de Iniciação à Docência.

(PROJETO CRIANÇAS, 2016, conforme Anexo A).

Na primeira pergunta, é explorada a presença do adjetivo no enunciado “Os meninos carvoeiros”. A questão trata das escolhas linguísticas que constituem o estilo, evidenciando que o conhecimento gramatical só é utilizado para a compreensão dos sentidos construídos pelo enunciador.

Ainda, nessa questão, pede-se a explicação por que a mesma palavra está escrita de maneiras diferentes. O estilo, como mencionamos anteriormente, são escolhas linguísticas pensadas pelo enunciador, para provocar determinados efeitos de sentido. Assim, “Carvoeiro” e “carvoero” são variantes diastráticas de um determinado grupo social e, nesse enunciado, refere-se à “profissão” dos meninos, evidenciando que toda a composição está fundamentada no contexto sócio-histórico retratado.

Desse modo, podemos afirmar que a terceira questão é composta e estruturada para se pensar sobre o estilo do enunciado, ou seja, pelas escolhas linguísticas que promovem, nesse contexto, um estilo individual, próprio dos gêneros artístico-literários. Ainda, no plano do estilo, podemos observar as escolhas linguísticas na questão: “por que, nessas expressões, a mesma palavra está escrita de maneiras diferentes?”. Essas escolhas são feitas pelo enunciador para provocar um determinado efeito de sentido, provocando a reflexão dos alunos, isto é, não são escolhidas ao acaso.

Apresentamos, a seguir, as quarta e quinta questões que, aparentemente, são de análise gramatical, pois abordam e trabalham adjetivos e substantivos retirados do texto, sendo pedido para que os alunos, com a ajuda dos professores, identifiquem, no trecho do poema, adjetivos e substantivos.

- 4) Observe que os adjetivos, no poema, caracterizam seres, ideias, coisas e manifestações da natureza, que são os SUBSTANTIVOS. Então, com a ajuda de seus professores, identifique, nos versos abaixo, os ADJETIVOS e os SUBSTANTIVOS:

“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

VERSOS DO POEMA	SUBSTANTIVO	ADJETIVO(S)
meninos carvoeiros		
Os burros são magrinhos e velhos.		
A aniagem é toda remendada.		
Só mesmo estas crianças raquíticas		
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.		
Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,		
[...] como espantalhos desamparados.		

- 5) Releia, agora, a lista de substantivos e adjetivos que você obteve e pense: qual é a ideia comum entre os adjetivos empregados no texto?

(PROJETO CRIANÇAS, 2016, conforme Anexo A).

Os alunos deveriam observar que as escolhas foram feitas por adjetivos disfóricos, com valores negativos, a fim de retratar o contexto de luta pela sobrevivência dos “meninos carvoeiros”, suas dificuldades e, consecutivamente, a perda da infância.

A sexta questão, como podemos observar, é composta por duas alternativas:

Há, no entanto, a seguinte ocorrência, em um verso:

Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

- a. Por que o adjetivo “adoráveis” se destaca e se diferencia de todos os outros?

Para você pensar:

Você já usou algum verbo na segunda pessoa do plural (vós)?

Aqui no Brasil quase não usamos esta forma, pois quando nos referimos à pessoa com quem se fala, em nosso discurso, não usamos a segunda pessoa (tu e vós, mais empregados pelos portugueses) usamos a terceira pessoa com o pronome de tratamento “você” e “vocês”.

Hoje em dia, provavelmente, você só vê essa flexão verbal nos textos bíblicos ou nas orações, quando estabelecemos um “diálogo” com Deus, que, então, é “vós”, por exemplo:

*“Pai nosso que **estais** no céu,
Santificado seja o **vosso** nome
Seja feita a **vossa** vontade...”*

b. Nos versos citados acima, a segunda pessoa do plural foi empregada em: “trabalhais” e “brincásseis”. Assim, explique por que o poeta utilizou formas tão incomuns em seu texto poético.

(PROJETO CRIANÇAS, 2016, conforme Anexo A).

Como o enunciador faz a escolha de um adjetivo elogioso em “Adoráveis carvoeirinhos”, a fim de tratar de uma forma doce a ingenuidade e a inocência da criança, buscou-se levar os alunos a refletirem sobre a construção de sentido veiculada, ou seja, a ingenuidade em contradição ao trabalho e ao contexto que essa criança está inserida. Assim sendo, era necessário explicar por que esse adjetivo se diferencia de todos os outros presentes no poema.

A segunda alternativa da sexta questão aborda e ainda dialoga com a estrutura de enunciados bíblicos, ao utilizar do tratamento pessoal na segunda pessoa do plural (vós) nos verbos “trabalhais” e “brincásseis”. Como sabemos, são expressões pouco utilizadas em nossos enunciados cotidianos, por isso, configuram um sentido de transcendência divina.

As questões sete e oito, primeiramente, abordam o fator gramatical, a fim de mostrar ao aluno que os verbos e os adjetivos contribuem para a construção de efeitos de sentido. Dessa forma, é proposto aos alunos indicarem em quais formas (presente ou gerúndio) estão conjugados os verbos presentes no poema. Esses verbos no presente e no gerúndio e o uso da adjetivação promovem a criação do sentido da imagem descritiva do poema.

A questão nove também baseada, em princípio, na forma gramatical, propõe ao aluno que explique as associações de sentido que o poeta construiu nos versos “A madrugada ingênua parece feita para eles... / Pequeninha, ingênua miséria!”. Isso leva o aluno a refletir sobre sentimentos gerados durante o acontecimento da leitura, ressaltando o estilo e revelando uma associação de sentido entre os dois versos, visto que há, de um lado, a personificação da

madrugada como “ingênua” diante da miséria e do sofrimento das crianças que, por sua vez, trabalham brincando, ou seja, eram ingênuas crianças miseráveis e trabalhadoras.

A partir disso, verificamos por meio das reflexões bakhtinianas sobre estilo e sobre a perspectiva dialógica da linguagem, a expressividade do enunciado que dá um tom emotivo-valorativo de simpatia e de ternura ante o sofrimento dessas crianças.

A última questão está embasada nos fatores histórico-sociológicos referentes à denúncia veiculada nesse discurso que, de forma sensível, expõe o trabalho infantil, enfatizando, por meio da linguagem poética, todo o sofrimento humano e a injustiça que envolve essa situação.

Nessa última questão, são apresentados dois artigos que compõem os gêneros de outra esfera das práxis humanas – o campo jornalístico. A partir da leitura e da discussão sobre alguns aspectos desses enunciados, solicitou-se que os alunos escrevessem uma história, narrando sobre uma criança que viveu uma situação de trabalho infantil, mas que conseguiu ajuda e superou suas dificuldades.

Para a produção do texto, como já mencionamos, foram levantados os seguintes questionamentos:

- Se o trabalho infantil é proibido, por que ainda existe
- Como deve ser a vida dessas crianças que, ao invés de brincar, trabalham?
- Como serão seus pais?
- Como deve ser o lugar onde elas vivem?
- Você já viu ou ficou sabendo de algum lugar que usava a mão de obra infantil?
- O que poderíamos fazer para ajudar essas crianças?
- Qual seria uma solução para acabar de uma vez por todas com essa situação?

Assim, podemos afirmar que as atividades que envolvem a produção textual promovem a atitude responsiva ativa proposta pelo Círculo de Bakhtin:

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completam, aplica-o prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN, 2015).

Na sala de aula, essas reflexões podem subsidiar um trabalho com a leitura e produção de textos, por meio de atividades que rechassem o modelo de reprodução de práticas que não respeitam uma demanda social de um sujeito ativamente responsivo, ou seja, um sujeito que, mesmo em meio às exigências de toda ordem (sociais, políticas, econômicas, culturais, entre outras), consegue demonstrar traços de autonomia e individualidade ao seu dizer e às suas ações.

6 Conclusão

Pela análise realizada, verificamos como foram trabalhadas as atividades sobre o poema “Meninos carvoeiros”, de Manuel Bandeira, visto que foram desenvolvidas a leitura, a interpretação e a investigação a respeito dos recursos linguísticos e expressivos que constituem o sentido do poema.

A leitura de literatura, com prioridade sobre os elementos que compõem um enunciado pertencente aos gêneros literários, como o conteúdo temático, a estrutura composicional e estilo, é feita durante todo o processo de aplicação das atividades. Assim, destacam-se questões como a presença de adjetivos (entre outros recursos verbais) que, caracterizando as escolhas linguísticas para a constituição do estilo, evidenciam a necessidade do conhecimento da língua para a compreensão dos sentidos construídos. Desse modo, é privilegiada, nessas atividades, a relação intrínseca entre língua e vida proposta pelos estudos de Bakhtin e Medviédev sobre os gêneros do discurso, em especial, os literários.

Os valores ideológicos e sociais que abordam aspectos da realidade também foram tratados, visto que houve uma discussão prévia sobre o trabalho infantil em carvoarias brasileiras, a partir da leitura de outros enunciados pertencentes à esfera jornalística.

O poema, como pertencente à esfera literária, e de acordo com a concepção de enunciado concreto e sua relação com a vida, ou seja, atrelado ao contexto sócio histórico e aos sujeitos envolvidos na comunicação, constrói sentidos que contemplam a estética, a poeticidade, mas sem deixar de lado os aspectos sociais e ideológicos.

Ao analisarmos a proposta de produção de texto, verificamos que os alunos foram instigados a refletir sobre o trabalho infantil e a realidade vivida, sempre tendo como base não somente o poema “Meninos Carvoeiros” que denuncia, de forma sensível, o trabalho infantil, mas também os artigos jornalísticos “Brasil não alcançará meta da ONU sobre trabalho infantil” e “Carvoarias representam o trabalho infantil em uma de suas mais degradantes formas”. Tanto o poema, quanto os enunciados da esfera jornalística denunciam o trabalho infantil, cada qual, adotando estilos que contribuíram para a construção de efeitos de sentido e para o atendimento das finalidades das práxis humanas.

Assim, concluímos que é possível ler literatura, contemplando a relação entre os estudos literários e linguísticos, com exercícios de análise que articulam o plano de expressão ao plano de conteúdo, buscando, dessa maneira, ensinar além da língua e da literatura, os sentidos da vida que, por serem vários, configuram a essência humana.

Referências

ANÁLISE de práticas discursivas em aulas de língua portuguesa. Disponível em :<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewFile/25989/14275> Acesso em: 22 set. 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BRAIT, Beth. Estilo. In: _____ (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque. *Verbetes leitura*. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/leitura>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FREITAS, B. C.; CRUZ, D. P.; FERREIRA, T. R. H. G; CAMPOS-TOSCANO, A. L. F.

JOUBE, Vicente. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MANUEL, Bandeira. Disponível em: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/manuelbandeira.htm>> Acesso em: 25 ago. 2017.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Primeiros Passos, 74).

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekateruna Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MOURA, Murilo Marcondes de. *Manuel Bandeira*. São Paulo: Publifolha, 2001.

PIBID. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

SIGNIFICADO de enunciação. Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=956>>. Acesso em: 19 out. 2017.

SIGNIFICADO de leitura. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/leitura/>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

ANEXO A

PIBID - LETRAS/ Uni-FACEF 2016

ATIVIDADE 1: Apresentação do tema de nosso projeto de 2016:

“De criança a adolescente: representações literárias”

Olá!

Você que hoje é um pré-adolescente sabe que, nesta etapa da vida, está deixando de ser criança, isto é, certas atitudes e comportamentos começam a ficar de lado, e você compreende melhor as relações sociais, está pronto tanto para assumir mais responsabilidades, como também pode e quer ser respeitado e ouvido, quer fazer parte de um grupo e ser aceito...

Assim, escreva, abaixo, o que foi ser criança e o que é ser um pré-adolescente:

Ter segurança e estudar.

O DIREITO DAS CRIANÇAS

Ruth Rocha

Toda criança no mundo
Deve ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida.

Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos das crianças
Todos tem de respeitar.

Tem direito à atenção
Direito de não ter medos
Direito a livros e a pão
Direito de ter brinquedos.



FREITAS, B. C.; CRUZ, D. P.; FERREIRA, T. R. H. G; CAMPOS–TOSCANO,

A. L. F.

Mas criança também tem
O direito de sorrir.

Correr na beira do mar,
Ter lápis de colorir...

Ver uma estrela cadente,
Filme que tenha robô,
Ganhar um lindo presente,
Ouvir histórias do avô.

Descer do escorregador,
Fazer bolha de sabão,
Sorvete, se faz calor,
Brincar de adivinhação.

Morango com chantilly,
Ver mágico de cartola,
O canto do bem-te-vi,
Bola, bola,bola, bola!

Lamber fundo da panela
Ser tratada com afeição
Ser alegre e tagarela
Poder também dizer não!

Carrinho, jogos, bonecas,
Montar um jogo de armar,
Amarelinha, petecas,
E uma corda de pular

Discuta com seus professores sobre SER CRIANÇA E ESTAR NO MUNDO e sobre a necessidade de CRESCER e assumir cada vez mais responsabilidades...

Isso nos leva a pensar que precisamos, sim, que nossos direitos sejam assegurados, mas também precisamos nos comprometer com a vida em sociedade. Assim, escreva um texto (pode ser um poema, como o de Ruth Rocha) falando sobre os deveres que, muitas vezes, precisam ser lembrados às pessoas de sua idade:



“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

ANEXO B

PIBID - LETRAS/Uni-FACEF 2016

Data: ____/____/____

ATIVIDADE 5: Nesta atividade trabalharemos com o poema de um escritor muito especial: Manuel Bandeira! Depois de conversar com seus professores sobre este importante poeta brasileiro, leia atentamente o poema abaixo:

MENINOS CARVOEIROS

Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade.
- Eh, carvoero!
E vão tocando os animais com um relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhos.
Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.
A aniagem é toda remendada.
Os carvões caem.

(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)

- Eh, carvoero!
Só mesmo estas crianças raquíticas
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.
A madrugada ingênua parece feita para eles...
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

-Eh, carvoero!

[Digite texto]



“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,
Encarapitados nas alimárias,
Apostando corrida,
Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados.

(Manuel Bandeira, *Ritmo dissoluto*)

1) O que é “CARVOEIRO”?

2) Após a leitura e comentário sobre o texto e seu título, anote, abaixo, o significado das palavras novas que você encontrou:

3) Observe as expressões do texto, transcritas abaixo:

Os meninos carvoeiros

- *Eh, carvoeiro!*

Adoráveis carvoeirinhos

a) Na primeira expressão, “carvoeiro” está caracterizando qual palavra?

b) Em qual dessas expressões há um chamado?

c) Explique por que, nessas expressões, a mesma palavra está escrita de maneiras diferentes.

4) Observe que os adjetivos, no poema, caracterizam seres, ideias, coisas e manifestações da natureza, que são os SUBSTANTIVOS. Então, com a ajuda de seus professores, identifique, nos versos abaixo, os ADJETIVOS e os SUBSTANTIVOS:

VERSOS DO POEMA	SUBSTANTIVO	ADJETIVO(S)
Os meninos carvoeiros		
Os burros são magrinhos e velhos.		
A aniagem é toda remendada.		
Só mesmo estas crianças raquíticas		
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.		
Quando voltam, vêm mordendo num pão		

[Digite texto]



“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

encarvoado,		
[...] como espantalhos desamparados.		

5) Releia, agora, a lista de substantivos e adjetivos que você obteve e pense: qual é a ideia comum entre os adjetivos empregados no texto?

6) Há, no entanto, a seguinte ocorrência, em um verso:

Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

a) Por que o adjetivo “adoráveis” se destaca e se diferencia de todos os outros?

Para você pensar:

Você já usou algum verbo na segunda pessoa do plural (vós)?

Aqui no Brasil quase não usamos esta forma, pois quando nos referimos à pessoa com quem se fala, em nosso discurso, não usamos a segunda pessoa (tu e vós, mais empregados pelos portugueses) usamos a terceira pessoa com o pronome de tratamento “você” e “vocês”.

Hoje em dia, provavelmente, você só vê essa flexão verbal nos textos bíblicos ou nas orações, quando estabelecemos um “diálogo” com Deus, que,

A. L. F.

então, é "vós", por exemplo:

*"Pai nosso que estais no céu,
Santificado seja o vosso nome
Seja feita a vossa vontade..."*

b) Nos versos citados acima, a segunda pessoa do plural foi empregada em: "trabalhais" e "brincásseis". Assim, explique por que o poeta utilizou formas tão incomuns em seu texto poético.

7) Copie os verbos dos versos citados nas colunas à direita, conforme a forma em que ocorrem:

VERSOS DO POEMA	PRESENTE	GERÚNDIO
Passam a caminho da cidade.		
E vão tocando os animais com um relho enorme.		
Os burros são magrinhos e velhos.		

[Digite texto]



“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.		
A aniagem é toda remendada		
Os carvões caem.		
(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)		
A madrugada ingênua parece feita para eles...		
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!		
Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,		
Encarapitados nas alimárias,		
Apostando corrida,		
Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados.		

8) Qual o sentido que se cria no texto por meio do uso do presente, do gerúndio e da adjetivação?

9) Explique, com suas palavras, as surpreendentes associações de sentido que o poeta construiu nos versos "*A madrugada ingênua parece feita para eles... / Pequenina, ingênua miséria!*" e também que sentimentos essa "maneira de dizer" provocou em você.

Por meio do poema "Meninos carvoeiros", Manuel Bandeira denuncia, de forma sensível, o trabalho infantil, enfatizando, por meio da linguagem poética, todo o sofrimento humano e a injustiça que envolve essa situação. Sabemos que é uma prática proibida, mas que, mesmo assim, através do tempo, ainda ocorre.

Leia, com atenção, os dois textos abaixo:

O Brasil não vai alcançar a meta da ONU para a eliminação das piores formas de trabalho infantil até 2016. A declaração é da secretária executiva do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, Isa Oliveira.

No Dia Internacional contra o Trabalho Infantil, observado neste 12 de junho, a ONU indica que iniciativas de combate à prática estão perdendo força, no mundo inteiro. Estima-se que mais de 215 milhões de crianças trabalhem no mundo inteiro. Mais da metade delas estão sujeitas às piores formas de exploração, incluindo condições brutais de trabalho e prostituição.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, OIT, apenas uma em cada cinco crianças é paga, e muitas delas exercem tarefas perigosas. A relatora especial da ONU sobre Formas Contemporâneas de Escravidão, Gulnara Shahinian, disse que em partes do mundo crianças começam a trabalhar aos três anos de idade. A especialista afirmou ainda que "os impactos desses abusos não são somente imediatos, mas têm também repercussões graves ao longo tempo, para as vítimas e seus próprios filhos futuros".

[Digite texto]



“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

(fonte: <http://www.promenino.org.br/noticias/arquivo/brasil-nao-alcancara-meta-da-onu-sobre-trabalho-infantil>)

CARVOARIAS REPRESENTAM O TRABALHO INFANTIL EM UMA DE SUAS MAIS DEGRADANTES FORMAS



Crianças são exploradas em muitas carvoarias. Fotografia: Arquivo/MPT

Moradores da capital e de outros municípios do Estado de São Paulo, que costumam fazer churrasco em casa ou ir às tradicionais churrasarias em sistema de rodízio, podem, sem saber, estar contribuindo para a exploração de trabalho escravo e infantil. A apenas 100 km da capital, uma megaoperação de fiscalização realizada pela Polícia Rodoviária Federal, Ministério do Trabalho e Ministério Público do Trabalho nos municípios de Piracaia, Joanópolis e Pedra Bela encontrou 34 pessoas trabalhando em condições análogas à escravidão em carvoarias locais. Dentre elas, sete crianças e adolescentes. Ao todo, dez estabelecimentos foram alvo da blitz e seis acabaram interditados.

Por meio do Decreto Presidencial 6.481/2008, que regulamenta artigos da Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o trabalho em carvoaria está incluído na lista das piores formas de trabalho infantil, sendo vedado para qualquer pessoa que tenha menos de 18 anos. No entanto, flagrantes em carvoarias mostram quem o problema ainda persiste.

De olho nessa realidade, o primeiro vídeo da campanha “Trabalho infantil: você não vê, mas existe” traz à luz a problemática das carvoarias, e de como, na maioria das vezes, não temos consciência do quanto a exploração infantil pode estar

presente no nosso dia a dia, sem que nos apercebamos dela.

Todo o ciclo de fabricação do carvão vegetal implica alto risco aos empregados envolvidos: corte de madeira, transporte da lenha até a porta do forno, abastecimento do forno, acendimento do fogo, vigilância do cozimento, retirada do carvão, etc. Dessa forma, o trabalhador é submetido, ao longo de todo esse processo, a gases tóxicos, fuligem, cinzas, pó e altas temperaturas, o que pode lhe causar problemas como desidratação, queimaduras, lesões musculares graves, hérnias inguinais e escrotais e, inclusive, fraturas ou cortes, em caso de acidente. A presença de uma criança nesse ambiente é totalmente inadequada, quase um crime.

“O artigo 227 da Constituição Federal descreve que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”, enfatiza a ministra Kátia Magalhães Arruda, uma das gestoras nacionais do Programa de Combate ao Trabalho Infantil da Justiça do Trabalho.

Na opinião da ministra, o direito à proteção inclui manter as crianças longe do trabalho. “É preciso derrubar de vez os mitos que envolvem a questão. Frases como ‘é melhor trabalhar do que ficar na rua’, ‘o trabalho ensina responsabilidades’ ou ‘é melhor trabalhar do que roubar’ não condizem com a realidade – pelo contrário: atrapalham, e muito, o desenvolvimento de meninos e meninas”.

Fonte: TST Texto:Paula Andrade Data original da publicação:14/12/2015

(<http://www.dmtemdebate.com.br/carvoarias-representam-o-trabalho-infantil-em-uma-de-suas-mais-degradantes-formas/>)

A partir das nossas discussões sobre o tema, da sua reflexão sobre o poema “Meninos Carvoeiros” e da leitura dessas reportagens atualizadas, pense sobre as seguintes questões:

- ** Se o trabalho infantil é proibido, por que ainda existe?
- ** Como deve ser a vida dessas crianças que, ao invés de brincar, trabalham?
- ** Como serão seus pais?
- ** Como deve ser o lugar onde elas vivem?

[Digite texto]



“MENINOS CARVOEIROS”, DE MANUEL BANDEIRA: análise discursiva da proposta de leitura de literatura do subprojeto de Letras do PIBID/CAPES/Uni-FACEF

- ** Você já viu ou ficou sabendo de algum lugar que usava a mão de obra infantil?**
- ** O que poderíamos fazer para ajudar essas crianças?**
- ** Qual seria uma solução para acabar de uma vez por todas com essa situação?**

PRODUÇÃO DE TEXTO:

Agora escreva um texto que contenha a história de uma criança que viveu uma situação de trabalho infantil, mas que conseguiu ajuda e superou suas dificuldades. Use suas reflexões sobre o assunto para inventar e descrever as personagens, o lugar onde tudo se passa e a solução do problema.